



# TRANÇANDO UM CONTEXTO DE REPRESENTATIVIDADE, AFETO E PERTENCIMENTO

*BRAINING A CONTEXT OF REPRESENTATIVITY, AFFECT AND BELONGING*

Elissangela Gonçalves Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

A arte de trançar que é uma arte ancestral carregada de simbologia para mulheres africanas, deusas e sacerdotisas gregas e européias, e que no Brasil são usadas como sinônimo de resistência e afirmação. Como objetivos específicos discutir o racismo invisível e conhecer um pouco da rica arte das tranças e suas inúmeras maneiras de criação que pode proporcionar um universo de aprendizado e desafio enriquecedor, repleto de força, resistência, fazeres e saberes da tradição das trançadeiras. Ao final espera-se que aqueles que defendem uma sociedade plural vejam na arte de trançar uma ação motivacional e transformadora, a partir das possibilidades de interação com todos os indivíduos.

## PALAVRAS-CHAVE

Arte; Representatividade; Afeto; Afirmação.

## ABSTRACT

*The art of braiding, which is an ancestral art laden with symbolism for African women, Greek and European goddesses and priestesses, and which in Brazil, is used as a synonym for resistance and affirmation. As specific objectives discuss invisible racism and know a little about the rich art of braiding and its many ways of creation that can provide a rich learning and challenge universe, full of strength, endurance, know-how and braid tradition. In the end, it is hoped that those who defend a plural society will see in the art of braiding a motivational and transformative action, based on the possibilities of interaction with all individuals.*

## KEYWORDS

Art; Representativeness; Affection; Affirmation.

O presente artigo aborda a arte das tranças como elemento transformador na relação de representatividade, afeto e pertencimento e a importância de existir uma arte que expressa identidade, além do modo de viver de um coletivo, buscando demonstrar a relevância do tema como expressão de identidade, justificando o desenvolvimento desse trabalho (trançadeiras), como expressão artística. Trata-se de uma arte reconhecida, não

---

<sup>1</sup> Elissangela Gonçalves Ferreira é conhecida por Elis Gonçalves, atua como trançadeira, atriz, performance. Atualmente cursa pedagogia (EAD/UNICESUMAR/2018-2023). Empreendedora social convive com a arte do trançado afro desde a infância. Vem pesquisando e praticando a técnica como expressão artística. Contato: [elissgoncalvescursos@gmail.com](mailto:elissgoncalvescursos@gmail.com).



apenas, pelas características de traços ou formas (patrimônio material – fazeres e saberes populares e ancestrais), mas também, como uma expressão genuína do sentimento depositado no momento de sua criação (patrimônio de natureza imaterial).

A medida do aprofundamento histórico e social percebe-se a necessidade da apropriação deste fazer, tanto como expressão artística, quanto para o fortalecimento da identidade e afirmação dos sujeitos e dos elementos que compõem a arte de trançar. A manutenção das tradições é uma ferramenta de luta constante por um espaço, tanto no campo da arte, quanto na vida dos afro-descendentes brasileiros. O objetivo é despertar no indivíduo o interesse em conhecer as expressões de arte que emanam do ato de trançar, mas devolver a esse indivíduo, o desejo de ser um ser coletivo, contribuindo para a quebra de paradigmas relacionados aos preconceitos de toda ordem. Para combater preconceitos, é uma forma efetiva de contribuir para proximidade e convívio das extremidades, buscando envolvimento e desenvolvimento individual e coletivo, a partir da empatia, e do respeito pela diversidade.

A arte de trançar é uma experiência de arte ancestral, carregada, historicamente, pela simbologia, tanto das mulheres africanas, quanto das deusas e sacerdotisas gregas e européias; no Brasil, estão sendo usadas como sinônimo de re-existência e pluri-afirmação.

Busca-se, constante e incansavelmente, espaço para discutir o racismo invisível e estrutural. Conhecer um pouco da rica arte das tranças, e suas inúmeras maneiras de criação, podem proporcionar um universo de aprendizado, com uma carga simbólica e um desafio enriquecedor, repleto de força, resistência, fazeres e saberes da tradição das trançadeiras. A metodologia para atingir esse objetivo, é a pesquisa bibliográfica e documental. Ao final, espera-se que aqueles que defendem uma sociedade plural, vejam na arte de trançar uma ação motivacional e transformadora, a partir das possibilidades de interação com todos os indivíduos.

Qual é o lugar, e de onde se fala? Esse lugar está no lugar da mulher negra, que no movimento/momento de tecer os cabelos afros (seu ou de outros), também vai tecendo a própria vida e a vida do outro. Fala-se, muitas vezes, de experiências próprias, como autodidata, e sempre desse próprio fazer, que muitas vezes (re)conhece um pouco da



luta do movimento negro brasileiro, colaborando para a construção de uma sociedade onde a equidade sócio-racial seja uma realidade. Movimentos negros tais como: *Frente Negra Brasileira*, *Movimento Negro Unificado*, *Centro de Cultura Negra*, *Odomodê*, *Projeto Raiz Forte*, *Instituto da Mulher Negra*, dentre outros, são instâncias de representação, que devem ser respeitado como lugar de fala, de território de ancestralidade, de ambiente de proteção e resistência coletiva.

No viés da historicidade, a prática de trançar os cabelos, tem seu início no século XV, onde a forma de arrumar e trançar os cabelos funcionava como condutor de mensagens das sociedades africanas, na qual aquele indivíduo se inseria. O “estilo” detramas, tranças ou desenhos aplicados na cabeça, por meio dos cabelos, eram usados para indicar estado civil, origem geográfica, idade, religião, identidade étnica e posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa podia ser identificado/descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha seu próprio estilo. Também era usado para atrair pessoa do sexo oposto, ou, como sinal de um ritual religioso (BYRD, THARPS, apud GOMES, 2008, p. 309).

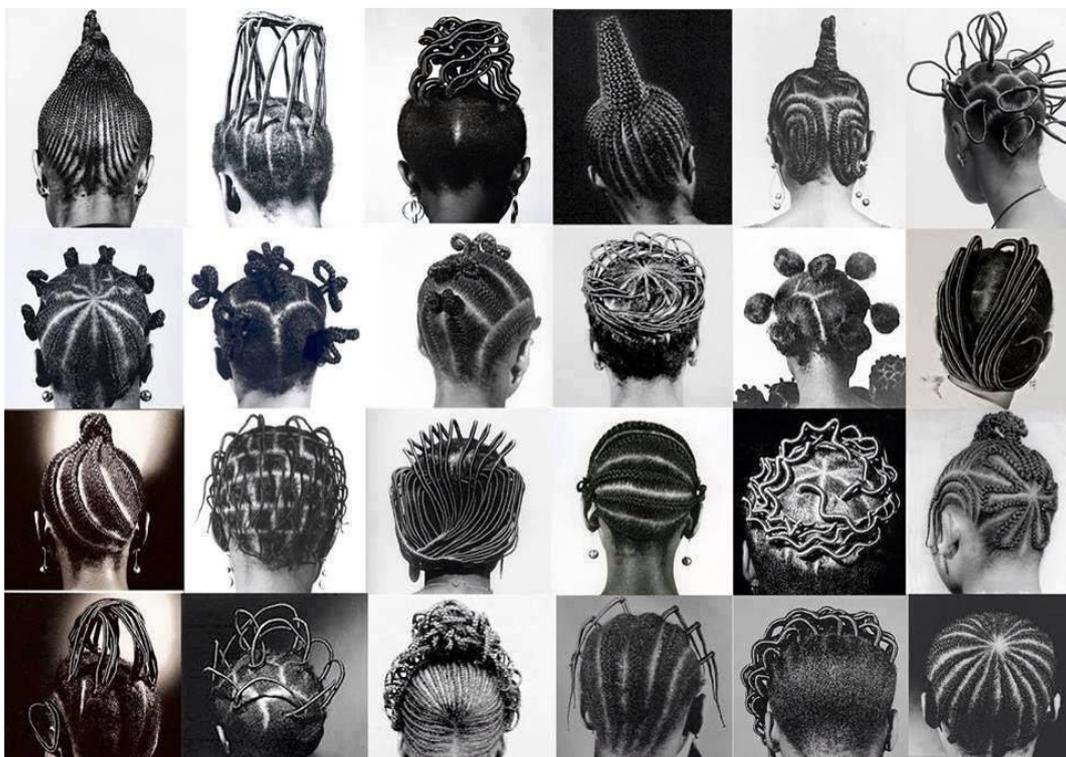


Figura I - Tipos de trançados africanos. Fonte: <https://face2faceafrica.com/article/how-hair-was-used-to-smuggle-grains-into-the-caribbean-by-african-slaves>. Acesso em: 22 mar. 2019.



Além disso, há os marcos regulatórios brasileiros, em relação a arte étnico-racial na sociedade brasileira, que a partir da Lei 10.639/03, com a mudança do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde o texto preconiza a obrigatoriedade do ensino da história, cultura africana e afro brasileira; e da Lei 11.645/2008, que inclui o aprendizado da cultura indígena. O intuito das leis, quando regulamentadas e implementadas, seria garantir que o estudo dos povos que constroem as matrizes culturais do povo brasileiro, não fosse esquecida, ou desconsiderada. A leitura e reflexão sobre educação para relação étnico-racial, com ênfase no cabelo afro, se dão a partir da vivência de artistas capilares no estado do Espírito Santo. Muitas trançadeiras, que hoje trabalham profissionalmente, atuam nesse ofício, desde a infância, e vem aprofundando e reafirmando seus fazeres, a partir do aprofundamento em estudos, com aporte de literatura e autores de referência. Ressaltar o lugar do ser feminino, da mulher negra e trançadeira, que se reconhece nesta arte, é garantir uma representação. É a certeza de ter um patrimônio, de natureza imaterial, que traz em seu próprio cabelo a ferramenta de resistência e de orgulho, além de toda sua singularidade como uma experiência estética.

O *Negro* quando assume o seu cabelo de *natureza negra*, assumindo seu papel na sociedade como uma pessoa negra, é um ato de extrema coragem e resistência. Infelizmente, isso, de se assumir negro/negra, ainda é um duro caminho a ser trilhado por milhares de afro descendentes, segundo afirmação de Lody "os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afro-descendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas." (2004, p.65). Utilizar o cabelo com penteados afro ou natural contribui no processo de formação da beleza negra. Nilma Lino Gomes (2003), na obra *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, ao citar Byrd e Tharps (2001), lembra que "no início do século XV o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais." E, ainda de acordo com a autora, "nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias".

Isso remonta ao que é dito por Lody, onde esclarece que ao "tocar a cabeça, pentear cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas, e tão importantes



como as mais notáveis descobertas do homem" (2004, p.98).

Por isso, a escrita desse artigo também é uma forma de reconhecimento e aceitação das origens do povo brasileiro, que tratar da construção da identidade negra, a partir do penteado afro e da arte de trançar seus cabelos, no alto de suas cabeças.

A justificativa diz respeito à forma como o cabelo negro secularmente tem sido negado por grande parcela da população negra, e isso acontece por influência e pela lógica social de que temos "cabelo ruim" é que é preciso um processo de aceitação na sociedade o que se reflete de maneira especial nos cabelos. A forma como as pessoas são desrespeitadas tem a ver com a sua cor e aparência física. O uso do cabelo natural ou trançado contribui com o processo de fortalecimento da identidade negra frente ao espelho e a sociedade.

A relevância do artigo está no fato de terem sido empreendidas muita luta por parte da população negra, desde que, forçadamente, foram transportados para o Brasil e terem chegado como objeto, que poderia ser usado da maneira que mais trouxesse lucro ao seu dono, e não como seres humanos.

No início do século XVI, até os dias atuais, os negros lutam para ter sua identidade reconhecida como parte da formação da sociedade brasileira. O uso de penteados que reforçam esse reconhecimento contribui com a luta por direitos de igualdade racial e social. A pesquisa foi bibliográfica e documental, sendo realizada e baseada na leitura de artigos, livros e teses que tratam desta temática. Assim, conseguiu compreender problemas, avanços e desafios que acompanham a trajetória e a presença do povo negro no Brasil. A trançadeira exerce, portanto, um papel fundamental na formação da identidade do negro:

Cuidar dos cabelos é antes de tudo, cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É, por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar todo o que a cabeça representa para a pessoa e para seu grupo (LODY, 2004, p. 100).

Este primeiro penteado tem início na figura da mãe, das tias ou das irmãs mais velha, como afirma Nilma Lino Gomes:

O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela negra e privilegiados pela família.



Fazer as tranças, na infância constitui um verdadeiro ritual para esta família. Elaborar tranças é uma tarefa apreendida e desenvolvida pelas mulheres negras (GOMES, 2003, p. 171).

Pentear os cabelos para o povo *iorubás* e *fon/ewe* é uma tarefa familiar feminina, assim como a atividade de cozinhar, limpar a casa e lavar a roupa. Criar penteados é uma forma de retomar histórias e memórias pessoais e outras de significado mitológicas, unindo assim, o sagrado ao cotidiano.

Para tratar do tema *Trançando um contexto de representatividade, afeto e pertencimento*, foi necessário trabalhar, retrocedendo na história, tanto da África ancestral, quanto da África ressignificada no Brasil. O processo de pesquisa revelou vários signos de dominação que acabam sendo incorporadas pelo discurso de muitas mulheres negras. Dizer que o cabelo alisado é mais fácil de cuidar, está equivocada. A raiz do cabelo de origem africana não tem que ser alisada, mas sim, preservada como memória, tradição e ancestralidade. A trança ocupa um papel fundamental neste processo, pois é o primeiro penteado realizado na criança negra, é o penteado que mais reafirma os valores e costumes da população negra, pois trata o cabelo como uma continuação, afirmando o processo africano da circularidade. A valorização do padrão de beleza negra deve iniciar quando criança, e ser estimulada, tanto por seus pais, quanto por parentes e educadores. Não existe o “cabelo ruim”. Os indivíduos cedem a estas manipulações, na tentativa de adequar-se ao perfil ditado pela sociedade, ocidental branca, que se utilizam de artifícios culturais para tentar enquadrar as populações de origem diferente aos seus moldes. Nesse sentido o uso de artifícios, mecânicos ou químicos, como “chapinha”, alisamentos, escovas progressivas, entre outros processos, que transformam a fibra capilar, mudando sua estrutura física. Segundo Lody (2007, p. 43), “cabelos são memoráveis distintivos de identidade étnica, inclusão social e, especialmente, de revelação da luta pela liberdade, pelos direitos iguais e de cidadania”. As trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são Griôs, guardiãs das memórias africanas, na palma das suas mãos.



Figura 2 - Elis Gonçalves. Atuação em *Oficina de trança*. Acervo pessoal.  
Local: Bairro Feu Rosa. Serra/ES. Ano 2019.



Figura 3 - Elis Gonçalves. Atuação no evento *Estrelas Negras*. Acervo pessoal.  
Local: Cariacica/ES. Ano 2018.



Figura 4 - Elis Gonçalves. Evento SINTUFES para Terceira Idade. Acervo pessoal.  
Local: UFES/ES. Ano 2017.



Figura 5 - Elis Gonçalves. Encontro das crespas e cacheadas. Acervo pessoal.  
Local: Vila Velha/ES. Ano 2017.



## Referências

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendência**; Identidade em construção. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Nota do artigo: Cultura Negra e Educação. In: **Revista Brasileira de educação**. Agosto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Minas Gerais. Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: Identidade e Resistência**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2004.